PERCEPÇÕES DE UMA DISCENTE DO CURSO DE HISTÓRIA NO PROJETO DE EXTENSÃO DANÇAS TRADICIONAIS BRASILEIRAS: CONHECENDO E VIVENCIANDO NOVOS APRENDIZADOS.

Bruna PIERONI, Centro Universitário Sagrado Coração/UNISAGRADO,
brunaoliveirabloisepieroni@gmail.com

Camila Bloise PIERONI, Centro Universitário Sagrado Coração/UNISAGRADO,
camilabloise@unisagrado.edu.br
Eixo temático: Educação, desenvolvimento e aprendizagem

Palavras-chave: Ciclos Festivos. Universidade. Discentes.

1. Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar um relato de experiência sobre o projeto de extensão, a partir da perspectiva de uma das participantes discente do curso de história. Foi desenvolvido por meio de uma disciplina eletiva em uma escola da Rede Pública Estadual, na cidade de Bauru/SP, com estudantes do ensino médio. Fundamenta-se na lei nº 11.645/08, que tornam obrigatório o reconhecimento e o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas instituições de ensino, bem como na Base Nacional Comum Curricular que se apresenta como um "documento plural e contemporâneo, resultado de um trabalho coletivo inspirado nas mais avançadas experiências do mundo" (BRASIL, 2018, p. 5), destacando a importância da valorização da diversidade cultural e do desenvolvimento de competências relacionadas ao respeito das diferenças para a formação integral do indivíduo.

Ao introduzir o conhecimento da cultura brasileira e da diversidade étnica na escola, partimos da compreensão da dimensão territorial do Brasil e da pluralidade de culturas (indígenas, africanas, europeias etc.). Nessa perspectiva, desenvolveram-se atividades por meio da prática cultural das danças que segundo Côrtes (2013), "devem ser consideradas como fontes de identificação cultural do país, sempre definidas no plural pela heterogeneidade que carregam cultural e geograficamente" (p.53).

Partindo do entendimento de que as danças tradicionais, segundo Garcez (2016) são realizadas individualmente ou coletivamente e assumem diversos motivos, conforme o contexto e o objetivo. As atividades desenvolveram habilidades essenciais para a formação do indivíduo como senso de comunidade, aceitação das diferenças, desconstrução de preconceitos e a valorização da cultura brasileira, utilizando diferentes linguagens associadas à dança, articulando expressão corporal, oralidade e cultura no processo de ensino-aprendizagem.

2. Metodologia

O projeto configura-se numa abordagem qualitativa que, segundo Gomes (2011), a finalidade não é quantificar opiniões ou pessoas. O foco principal é "[...] a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que pretende investigar" (2011, p. 79). Elaborou-se uma proposta de ensino das danças tradicionais brasileiras e os dados foram levantados por meio do desenvolvimento das ações didático-pedagógicas desenvolvidas pelos participantes do projeto por meio de registros fotográficos e observação participante.

3. Desenvolvimento

Desenvolvemos um trabalho com as culturas populares na escola, por meio das festas, manifestações e expressões presentes nos ciclos festivos brasileiros – carnavalesco, junino e natalino. A partir de um saber histórico-antropológico construíram-se propostas para que saberes e práticas populares, marginalizadas pelo meio acadêmico, construam espaços nas práticas educativas. Le Goff (1990) afirma: "Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens" (p.411). Dessa maneira a proposta fundamenta-se na necessidade de trazer a memória coletiva para o meio escolar para que os estudantes do ensino médio possam perceber a importância da cultura e da memória, bem como os impactos em suas vidas.

Enquanto discente do curso de História, participar da eletiva foi fundamental para compreender, na prática, como os conhecimentos científicos construídos na universidade dialogam diretamente com a prática pedagógica e são essenciais para a formação do indivíduo em sociedade. O trabalho do historiador não se restringe à pesquisa ou à produção acadêmica, mas envolve a mediação entre diferentes saberes e a valorização da identidade nacional. Conforme Larrosa (2015), a experiência é aquilo que nos acontece e nos modifica. Portanto, a participação não representou apenas uma atividade de extensão universitária, mas constituiu uma experiência transformadora em minha formação como futura docente.

Ao participar da elaboração e desenvolvimento das atividades, como a confecção de crachás para fortalecer o sentimento de pertencimento, a discussão sobre os ciclos festivos brasileiros, a produção de estandartes e a apresentação teatral do Boi-Bumbá, tornou-se evidente como o ensino de História se torna potente quando exerce a função de valorizar identidades, promover o reconhecimento das diferenças culturais e estimular o sentimento de pertencimento dos estudantes, para além da transmissão de conteúdos cronológicos.

Para Freire (1996), uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar condições em que os educandos, entre eles e com o professor/a, percebam-se como seres sociais e históricos, pensantes e comunicantes. A educação constitui um

processo de transformação mútua entre docentes e discentes, pois, ensinar implica aprender continuamente. Nesse sentido, as experiências proporcionadas favorecem aprendizagens recíprocas, impactando tanto os estudantes do ensino médio quanto os graduandos envolvidos na proposta.

4. Conclusão

Evidenciou-se que a extensão universitária desempenha o papel fundamental de estabelecer uma ponte entre a aprendizagem teórica e a prática, possibilitando que os conhecimentos produzidos na universidade sejam compartilhados com a comunidade. Enquanto discente, ocorreu uma nova compreensão sobre a contribuição do historiador para a educação, envolvendo o reconhecimento das diferentes manifestações culturais, da memória coletiva e das identidades. Assim, essas iniciativas fortalecem a formação inicial dos futuros docentes e a construção de uma educação comprometida com a valorização da cultura brasileira e o exercício da cidadania.

5. Principais referências

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena"**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm Acesso em: 24 jul. 2026.

CÔRTES, Gustavo Pereira. **A Tradução da Tradição nos processos de criação em Danças Brasileiras:** a experiência do grupo Sarandeiros de Belo Horizonte. Orientadora: Inaicyra Falcão dos Santos. 2013. 233 f. Tese (Doutorado em Artes da Cena, na Área de Concentração Danças, Performance e Teatro) – Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCEZ, Artur Martins. **Grupo de Dança do Colégio Marista de Natal**: um percurso em danças populares. Orientador: Marcílio de Souza Vieira. 2016. 108 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Artes) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Rio Grande do Norte, 2016.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 79-108.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre a experiência. Trad. Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

LE GOFF, Jacques**. História e memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. 1. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.